



CIEA7 #17:

DISCURSOS POSTCOLONIALES ENTORNO A ÁFRICA.

Ana Lúcia Sá[◊]

analuciasa@gmail.com

A ideia de pós-colónia em cientistas sociais africanos na diáspora

No marco do paradigma de estudos pós-colonial, o conceito de pós-colónia surge, frequentemente, associado ao de Estado e a reflexões sobre a institucionalização política de estruturas herdadas do colonizador. Atendendo aos debates contemporâneos sobre África, e mais além desta centralização no fenómeno político, o objectivo principal desta comunicação consiste em analisar os instrumentos discursivos dispostos por um conjunto seleccionado de cientistas sociais africanos na diáspora para reflectir sobre o conceito de pós-colónia, o continente, em termos latos, e os respectivos países de origem. Aliando a observação da sociedade e da política e as relações críticas com as imagéticas construídas no marco da colonialidade, interessa analisar as variáveis que sobressaem no modo como o conceito de pós-colónia surge discutido por estes autores, entre os quais se encontram o camaronês Achille Mbembe ou o nigeriano Pius Adesanmi.

Pós-colónia, Discurso, Cientistas sociais africanos.

[◊] Institución Milá y Fontanals – Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

To write the world from Africa or to write Africa into the world,
or as a fragment thereof, is a compelling and perplexing task.
(Mbembe e Nuttall, 2004: 348)

A escrita do mundo contemporâneo e a colocação do discurso em ou sobre África neste plano macro podem tomar-se, se seguirmos a consideração em epígrafe, como tarefas complexas. Mas podem igualmente ser os primeiros desafios a tomar em consideração se quisermos inscrever esta contextualização num paradigma analítico e teórico que continua a subsistir, em especial, na academia euro-americana, quando se trata de olhar para as realidades não ocidentais agendadas ao chamado Terceiro Mundo: o pós-colonialismo. Se o desafio exposto é o de se contextualizar as realidades (africanas) a partir das quais se entende o mundo, poderá a partir daí emergir uma leitura crítica e dialógica cosmopolita¹, permeada pelo pós-colonialismo como um paradigma de análise e de teorização. Esta escolha terá uma apreciação cronológica, como o tempo que se segue ao colonial, mas que não ultrapassa as suas dinâmicas, mantendo-as, numa temporalidade e numa espacialidade ambíguas². E assim o considero aplicado à realidade africana dada a ideia de pós-colónia no *corpus* seleccionado, como se verá de seguida.

Este artigo tem como objectivo analisar a ideia de pós-colónia em textos de intelectuais africanos situados em academias euro-americanas³. De algum modo, poderemos inserir estes intelectuais como emergentes das elites modernas africanas. Esta é a forma como têm sido abordados, salientando-se a sua escassez, o seu nascimento associado ao encontro com o Ocidente e o lugar de destaque que os escritores têm neste grupo. A eles tem sido atribuída a tarefa de reflectir e de transmitir as suas ideias sobre as idiosincrasias dos seus locais de origem e de vivência⁴. A estas circunstâncias, classicamente tomadas quando se trata de abordar as elites intelectuais africanas, alia-se o facto de os cientistas sociais que oferecem o *corpus* deste artigo viverem em situação de diáspora. Aliás, é comum que os teóricos do pós-

¹ O cosmopolitismo, para o argentino Walter Dignolo (2002: 179), terá de ser crítico e dialógico, emergente de diferentes localizações geográficas e históricas que resultam da construção na longa duração da diferença colonial, como é o caso dos países africanos.

² Perspectiva encontrada, por exemplo, em Shohat, 2008: 107.

³ O camaronês Achille Mbembe será o nome mais conhecido e o que trabalha, de forma imediata, a noção de pós-colónia, que dá o título à sua obra *On the Postcolony*. Este sociólogo é, actualmente, investigador no Institute of Social and Economic Research da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo. Os nigerianos Tejumola Olaniyan, Adélékè Adéékó e Pius Adesanmi trabalham na América do Norte e associam a ideia de pós-colónia aos estudos literários. Encontramos igualmente neste texto ideias de Emmanuel Chukwudi Eze, um filósofo afro-americano, e de Apollo Amoko, igualmente afro-americano. Todos estes autores partilham o facto de poderem publicar em revistas científicas de circulação internacional.

⁴ Os intelectuais do chamado Terceiro Mundo “são o produto histórico de um encontro com o que (...) continuo a chamar de Ocidente”, levando a que mantenham uma relação ambígua e deslocalizada tanto com o “mundo de seus antepassados”, como com o “mundo dos países industrializados”, de acordo com Kwame Appiah (1997: 86).

colonialismo – ou aqueles a que, por motivos de mercado, mais facilmente se aceda – estejam na diáspora. A questão da localização é de extrema relevância e implica a pertença, o estatuto de se ser “insider / outsider”, que o pós-colonialismo acaba por deslocalizar (Moore-Gilbert, Stanton e Maley, 1997: 4-5).

O angolano Mário Pinto de Andrade, num texto datado de 1989, apresentava os intelectuais africanos da época das lutas anti-coloniais através do compromisso com a exposição das especificidades dos respectivos *países* e com a valorização das identidades ocultadas e diminuídas pela história colonial. Após as independências, assume que o compromisso terá de ser a reflexão sobre as problemáticas do *continente* e a sua situação no sistema internacional (Andrade, 1989: 65). Considerando o *corpus* analisado neste texto, verifica-se que a ideia de pós-colónia se implica na reflexão sobre o continente, de forma geral, encontrando-se bastante colada a reflexões sobre o Estado, sobre a inserção de África na modernidade e sobre o neocolonialismo, nas teias da continuidade entre o colonialismo e a época sucedânea.

Se o pós-colonial se pode associar a moderno (como propõe o filósofo afro-americano Eze, 2008: 25), nota-se a persistente problemática de se reflectir sobre a modernidade africana, ou uma modernidade africana, uma pauta pela qual se poderá desenvolver a ideia de pós-colónia (cf. Mbembe: 2001), não sendo isenta a esta contextualização o eurocentrismo hegemónico dos direitos e deveres que cabem na ideia de modernidade.

Se à modernidade (e não transmodernidade) actualmente vivida associarmos o neocolonialismo como uma das formas de integração do continente no sistema internacional, a pós-colónia identifica-se com a ideia de *neo-colónia*. Achille Mbembe (2001: 41) é explícito ao expor as continuidades presentes do sistema colonial e da inserção dos países africanos no sistema internacional, incluindo as formas transnacionais de suporte de guerras internas. São evidentes as imposições de Estados “imperiais” sobre outros países em termos de programas de assistência militar, de ajuda ou de investimento económico, bem como de suporte de governos fantoche e de colaboração com as elites locais amplamente afastadas da população em termos de acesso a benesses. Estes modelos de intervenção colocam estes países numa relação de dependência e acabam por frustrar as aspirações de edificação de uma sociedade mais equilibrada. Haverá uma pretensa autonomia após o período colonial, mas as relações de dominação e de dependência no continente africano permanecem. A problemática do pós-colonialismo poder-se-á colocar, então, a partir de um prisma ideológico, segundo Catherine Hall (2000: 3), ao associá-lo à época de neocolonialismo que se vive, de uma dominação que continua a florescer a

partir do Norte para o Sul⁵. E é este neocolonialismo e o imperialismo a ele associado que leva a críticas de estarmos num mundo “putatively postcolonial” (Amoko, 2001: 311), no qual cabem “dependent postcolony’s unequal social relations” (Olaniyan, 2001: 77).

Estas relações de desigualdade no sistema internacional são transpostas para os contextos locais. E é deste modo que à noção de pós-colónia se apensa o *Estado* em África. Se Lucien Ayissi (2008) aborda os défices de justiça e a necessidade de desenvolvimento de um espírito de cidadania no quadro estadual, Achille Mbembe, ao longo do seu *On The Postcolony* (2001), trabalha a privatização das soberanias, a associação entre pós-colónia e *regime* e entre pós-colónia e *direito de punição*, que poderão ser abarcados na sua noção de “postcolonial potentate”, com os aparelhos de Estado e a sua racionalidade subjugadora transposta para o imaginário social e político (Mbembe, 2001: 44, 108-113).

Entre as práticas do Estado, atendendo a este conceito de potentado, a utilização do corpo implica-se na demonstração pública em actos favoráveis a cada regime – como as paradas – potenciando-se igualmente a presença da morte, sendo notória a arbitrariedade e a privação de convivalidade nas teias da violência, da apropriação (Mbembe, 2001: 115, 122, 173, 183). *Soberania, vida e morte*, em articulação, são signos que caracterizam a pós-colónia e a sua máquina de regulação social, cultural e política⁶, que não raro pretende elidir, nos seus discursos, as demais redes de solidariedade que o indivíduo desenvolve e não implicadas nas teias do poder e nos símbolos do Estado (cf. Mbembe, 2001: 54, 129). É desta maneira que na pós-colónia se segue a distinção entre *o que* ou *quem é ser* e quem não o é, anotando-se uma semelhança entre o discurso colonial e o pós-colonial.

A este respeito, à pós-colónia associa-se a ideia de nação a construir e o discurso colonial ainda subsistente.

A linguagem de imposição ocidental que o conceito de nação opera leva à consideração de que o pós-colonialismo ainda não conseguiu ultrapassar a

⁵ Em termos marxistas, o neocolonialismo caracteriza-se pelas imposições de Estados imperiais sobre países do Terceiro Mundo em termos de programas de assistência militar, ajuda económica, investimento privado, suporte de governos fantoche, colaboração com as elites locais amplamente afastadas da população em termos de riqueza. Estes modelos de intervenção colocam estes países numa relação de dependência e acabam por frustrar as aspirações dos movimentos de libertação na edificação de uma sociedade socialista. A estas características, advindas de uma concepção teórica soviética, acrescentam-se também as decepções para com as independências africanas e a persistência de regimes opressivos e violentos no continente. Há uma pretensa autonomia após o período colonial, mas as relações de dominação e de dependência no continente permanecem, assim como as assimetrias. Cf. Bjornson, 1998: 137-148.

⁶ Um exemplo encontra-se no que Achille Mbembe chama de “war machines” numa leitura de situações políticas contemporâneas em África, contemplando milícias e organizações paramilitares que usam mecanismos de depredação, de ocupação e de ligação a redes transnacionais que as suportam (Mbembe, 2003: 34).

centralidade e a quase obrigatoriedade de que África tem este caminho da construção da nação a seguir. Caberá, ainda, aos escritores africanos ter em mente a construção da nação nos seus textos, como defende Adélékè Adéèkó (2008) ao analisar a literatura nigeriana da actualidade.

Contudo, e neste apartado em que pós-colónia ainda implica a nação, e na sequência de tratar da forma como a Europa conquistou territórios, racializou as realidades e impôs a sua hegemonia epistémica aos povos sem história, Pius Adesanmi revela os discursos de resistência que emergem do que ele trata como “global South” (Adesanmi, 2004: 42). Para ele, a pós-colónia africana falhou, devido às exclusões no quadro do Estado, às disfuncionalidades devidas ao neocolonialismo e a formas internas de colonialismo, como o domínio violento da etnicidade e a prevalência de narrativas de violência (Adesanmi, 2004: 50-52). A associação entre o domínio do mercado e a globalização operada a partir do Norte conjugam-se igualmente no *embranquecimento* da história associado ao privilégio branco e ao domínio das línguas de colonização (Adesanmi, 2004: 54). É neste apartado que à pós-colónia se associa a subsistência do discurso colonial.

Para além das continuidades com a colónia e as suas práticas de controlo social, político e territorial, associados ao Estado e aos imaginários potenciados pela adopção da ideia de nação, a pós-colónia lê-se na continuidade com a colónia na medida em que o prefixo *pós-* implica relativização e abertura e não um sentido cronológico estrito, podendo não significar superação nem rejeição, abarcando as continuidades entre a colónia e a pós-colónia.

Para Achille Mbembe, a pós-colónia é medida pelas noções de *age* e de *durée*: as múltiplas *durées* que se fazem de descontinuidades e de interpenetrações (Mbembe, 2001: 14). As multiplicidades e as continuidades que o termo de pós-colónia abarca dever-se-ão, também, às irrupções, às interrupções e às grandes transformações operadas pelo colonialismo em África, que levam a que o passado (colonial) seja vivido num presente igualmente interrompido (Mudimbe, 1994: 140-144; Eze, 2008: 28-31).

E a pós-colónia lê-se também em termos de continuidade com a colónia nos discursos de minorização e de opressão.

Os discursos eurocêntricos sobre África demarcam a linha entre o que é humano e não humano, cabendo nesta categoria o monstruoso ou o animalesco. O discurso e as representações são temas caros ao pós-colonialismo, à forma como Achille Mbembe desenvolve a sua ideia de pós-colónia e à invenção de África de Valentin Yves Mudimbe. África como “absolute otherness” nas representações sobre o Ocidente e a diferença (Mudimbe, 1994: 38; Mbembe, 2001: 2) implica-se ainda hoje

na construção do sujeito colonial africano, mas também na construção do sujeito pós-colonial africano e na constituição da sua subjectividade atendendo à imaginação política e social contemporâneas.

O sujeito colonial poderá ser sintetizado no conceito de *oriental* de Edward Said, no conceito de *subalterno* de Gayatri Spivak ou no de *nativo* ou de *negro* de Frantz Fanon. Dada a situação colonial, impõe-se-lhes um carácter de não viventes, de objectos. E se a sujeito colonial se segue a ideia de sujeito pós-colonial, em semelhantes mecanismos de privação de humanidade, com Mbembe se conclui que a noção de pós-colónia “identifies specifically a given historical trajectory – that of societies recently emerging from the experience of colonization and the violence which the colonial relationship involves” (Mbembe, 2001: 102). A pós-colónia é, neste sentido, pluralista, reformuladora de estereótipos, transformadora de identidades, um lugar de jogo de diversas formas de subjugação. As relações de subjugação especificam-se, em processos de imposição de consciência (Mbembe, 2001: 24-26, 102-103), bem como da subjugação dos corpos e da aproximação do sujeito colonial e do sujeito pós-colonial a coisas⁷.

Numa perspectiva de crítica do discurso eurocêntrico, Valentin Yves Mudimbe, tanto em *The Invention of Africa* (1998) como em *The Idea of Africa* (1994), desenvolve as suas obras em torno da ideia de representação, seja sobre a ideia de África, seja sobre a imaginação de África que consagra um imaginário eurocêntrico sobre o continente. Em ambas as obras, mostra-nos África como um produto discursivo do Ocidente, daí derivando um conjunto de imagens e de metáforas que foram sendo usadas para classificar e apropriar, como tudo o que estes processos significam, o continente. Trabalhando as marcas de violência que todo deste percurso implica, mostra como a expansão europeia, a partir do século XV, procedeu à *invenção e organização*⁸ do mundo no qual vivemos hoje, recriando-se a geografia e construindo-se uma memória colectiva pelos colonizadores, abrindo-se tensões entre as memórias africanas e os modelos oferecidos (Mudimbe, 1988: 1-5 e 1994: 134-144).

Em termos de discurso pós-colonial produzido por cientistas sociais africanos, o foco nos “outros” e na forma como a Europa construiu a dualidade que remete os

⁷ Nas reordenações sociais que se suporiam na pós-colónia, observa-se que a herança da colónia se faz sentir na subjugação das pessoas e a forma como “sufferings [are] inflicted on the human body by war, scarcity, and destitution” (Mbembe, 2001: 66).

⁸ Os termos invenção e organização foram retirados de Mudimbe, 1994: 39-40. Para esta organização do mundo, o colonialismo, monoliticamente e justificando o progresso, caracterizou-se por modelos espaciais de transformação e de ocupação territorial e administrativa, daqui decorrendo que a conversão para a modernidade se faria através de níveis como a hierarquização da linguagem, com a sequente desvalorização dos patrimónios linguísticos das colónias, com a cristianização, com a profissionalização num quadro económico capitalista (Mudimbe, 1994: 129, 133).

objectos para representações opressivas e exclusivas (Adesanmi, 2004: 35-40). Neste campo, a ideia de África é ainda generalizada quando se trata de abordar a constituição colonial dual entre *Eu* e *Outro*. E, se seguirmos com Pius Adesanmi, a ideia de *uma* África é usada quando se trata de abordar a construção racial do mundo desde a alvorada da modernidade (Mudimbe, 1994: 39-40; Adesanmi, 2004: 40). Mas também da modernidade sentida na actualidade, centrada no mito do progresso. Se dada situação pós-colonial é de miséria, com ela se traz a necessidade de salvadores, através de um discurso colonial actual. E se ao progresso aliarmos a construção do conhecimento, observa-se que conhecimento ocidental é tomado como o que tem mais autoridade e toma África como um objecto de conhecimento e de estereotipização (Amoko, 2001: 310-311).

Tanto o afro-americano Apollo Amoko como o nigeriano Pius Adesanmi buscam a Mudimbe a ideia de África e a criação de uma ideia de África feita no Ocidente. Ou seja, trabalha-se a construção de um imaginário ocidental, portanto. Ao proporem-se falar de África, muitos autores acabam por explorar o Ocidente e não sobre o tema que supostamente se propõem fazer.

“To go beyond” é uma ideia recorrente na obra *On the Postcolony*, de Achille Mbembe, invocada quando se trata de apresentar contrapontos a perspectivas europeias e eurocêntricas africanas, como oposições binárias, como instituições, como determinados conceitos⁹. Então, a pós-colónia poder-se-á igualmente associar a necessidade de endogeneidade e de superação do discurso e da prática de vitimização.

As ideias fundamentais de *degradação histórica* – a escravatura, a colonização e o apartheid – são negações da humanidade e plataformas pelas quais se ergue o discurso afirmativo de dignidade e de soberania na eleição dos destinos dos africanos (Mbembe e Rendall, 2002: 241-242). Segundo Mbembe e Nuttall (2004) e Mbembe e Rendall (2002), é importante ir mais além destes pressupostos para se compreender as narrativas do Eu africano e para que o continente africano não se apresente como um objecto à parte do resto do mundo. A crítica do “postcolonial paradigm of victimization”, que atinge a produção de conhecimento sobre África como dominada por paradigmas ocidentais, supõe-se a passividade e a instrumentalidade dos sujeitos africanos, levando à criação, por africanos, de discursos negativos baseados essencialmente em questões raciais e de privilégios autóctones (Mbembe e Rendall, 2002: 251-252, 256, 264).

⁹ Como é o caso da noção de sociedade civil em África, não raro decalcada da sua evolução no Ocidente (Mbembe, 2001: 39).

Se a ideia de pós-colónia poderá ser algo esvaziado de significado (Mbembe, 2001: 242), nota-se que continua, em cientistas sociais africanos, muito ligada aos espaços pós-coloniais considerados como facilitadores da emergência do discurso sobre realidades vividas no continente com veios da descrição oferecida pelos relatos eurocêntricos e com a centralidade do Estado. Muito se faz em torno de discursos genéricos e sobre temas genéricos: a forma como se vê África no ocidente; a forma como no Ocidente se constrói um discurso sobre África generalista. Neste caso, o factor colonial continua a ser o mediador pelo qual se lê a situação africana

BIBLIOGRAFIA

- Adéèkó, Adélékè, 2008, "Power Shift: America in the New Nigerian Imagination", *The Global South*, Vol. 2, Nr. 2: 10-30.
- Adesanmi, Pius, 2004, "«Nous les Colonisés»: Reflections on the Territorial Integrity of Oppression", *Social Text*, 78 (Vol. 22, Nr. 1): 35-58.
- Amoko, Apollo, 2001, "The "Missionary Position" and the Postcolonial Polity, Or, Sexual Difference in the Field of Kenyan Colonial Knowledge", *Callaloo*, Vol. 24, Nr. 1: 310-324.
- Andrade, Mário, 1989, "Consciência histórica, identidade e ideologia na formação da nação", in AA. VV., *A Construção da Nação em África. Os Exemplos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe*, Guiné-Bissau, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa: 63-75.
- Appiah, Kwame Anthony, 1997, *Na Casa de Meu Pai. A África na Filosofia da Cultura*, Rio de Janeiro: Contraponto.
- Ayissi, Lucien, 2008, "Le problème du vivre-ensemble entre le même et l'autre dans l'État postcolonial d'Afrique noire", *QUEST: An African Journal of Philosophy / Revue Africaine de Philosophie*, XXII: 121-140.
- Bjornson, Richard, 1998, "The concept of neocolonialism in the later works of Mongo Beti", in Adams, Anne V. e Mayes, Janis A. (Ed.), *Mapping Intersections. African Literature and Africa's Development*, Trenton e Asmara: Africa World Press: 137-149.
- Eze, Emmanuel Chukwudi, 2008, "Language and Time in Postcolonial Experience", *Research in African Literatures*, Vol. 39, Nr. 1: 24-47.
- Hall, Catherine, 2000, "Introduction: thinking the postcolonial, thinking the empire", in HALL, Catherine (Ed.), *Cultures of Empire. Colonizers in Britain and the Empire in the Nineteenth and Twentieth Centuries. A Reader*, Manchester: Manchester University Press: 1-33.
- Mbembe, Achille e Nuttall, Sarah, 2004, "Writing the World from an African Metropolis", *Public Culture*, Vol. 16, Nr. 3: 347-372.
- Mbembe, Achille e Rendall, Steven, 2002, "African Modes of Self-Writing", *Public Culture*, Vol. 14, Nr. 1: 239-273.
- Mbembe, Achille, 2001, *On the Postcolony*, Berkeley: University of California Press.
- Mignolo, Walter, 2002, "The many faces of cosmo-polis: border thinking and critical cosmopolitanism", in Breckenridge, Carol A., Pollock, Sheldon, Bhabha, Homi K. e Chakrabarty, Dipesh (Ed.), *Cosmopolitanism*, Durham e Londres: Duke University Press: 157-187.
- Moore-Gilbert, Bart, Stanton, Gareth e Maley, Willy, 1997, "Introduction", in Moore-Gilbert, Bart, Stanton, Gareth e Maley, Willy (Ed.), *Postcolonial Criticism*, Londres e Nova Iorque: Longman: 1-72.
- Mudimbe, V. Y., 1988, *The Invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge*, Bloomington, Indianapolis e Londres: Indiana University Press and James Currey.
- Mudimbe, V. Y., 1994, *The Idea of Africa*, Bloomington, Indianapolis e Londres: Indiana University Press and James Currey.

- Olaniyan, Tejumola, 2001, "The Cosmopolitan Nativist: Fela Anikulapo-Kuti and the Antinomies of Postcolonial Modernity", *Research in African Literatures*, Vol. 32, Nr. 2: 76-89.
- Shohat, Ella, 2008, "Notas sobre lo «postcolonial»", in AA. VV., *Estudios Poscoloniales. Ensayos Fundamentales*, Madrid: Traficante de Sueños: 103-120.